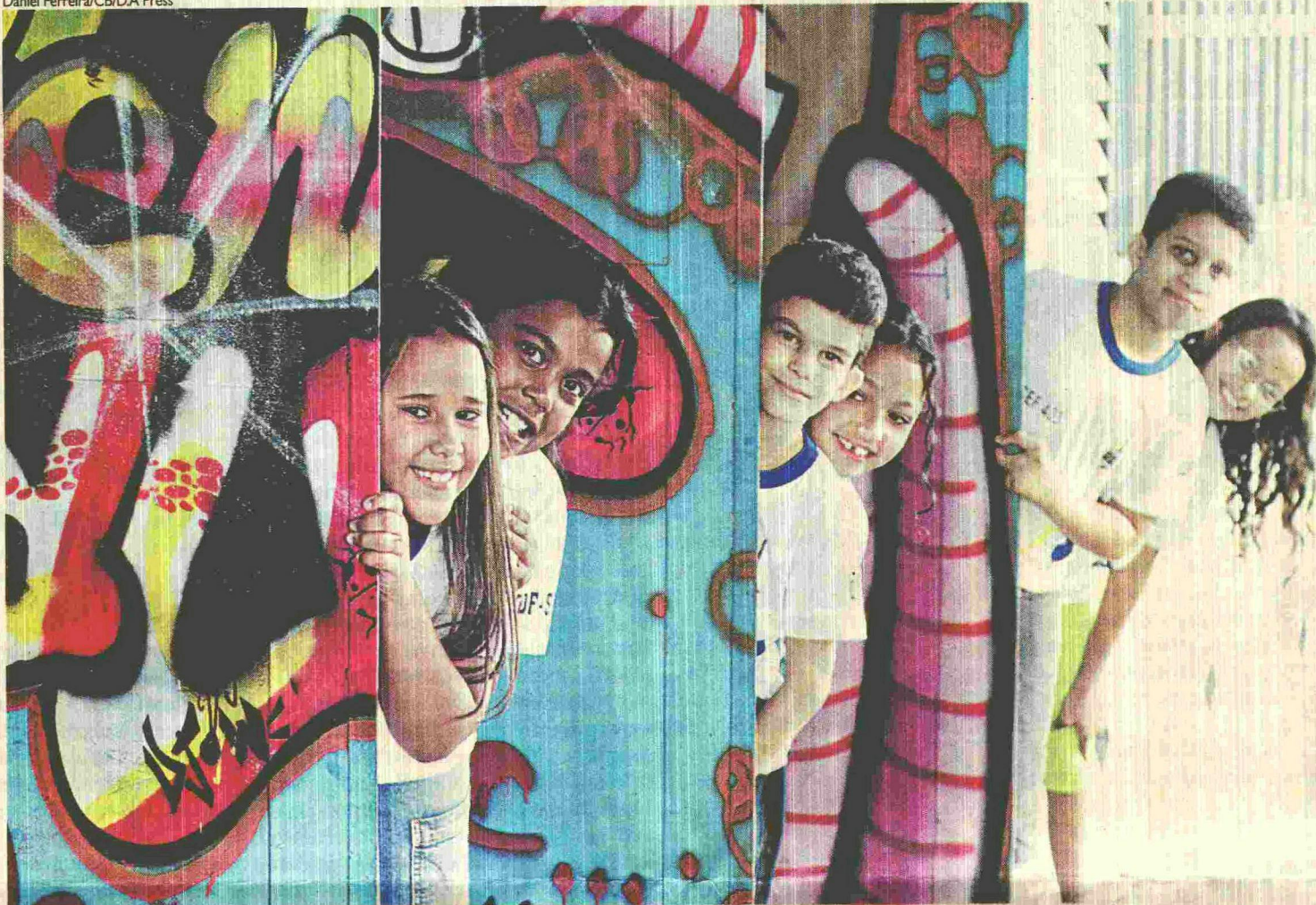


2000

SÍNTESE DA DIFERENÇA

(EXPLOSÃO POPULACIONAL E DISPARIDADES SOCIAIS)

Daniel Ferreira/CB/DA Press



ALUNOS DA GERAÇÃO DO ANO 2000 EM ESCOLA PÚBLICA EM SANTA MARIA: ALEGRIA, DEDICAÇÃO AOS ESTUDOS E CURIOSIDADE SOBRE A CAPITAL FEDERAL

Carlos Moura/CB/DA Press



CRIANÇAS DO PLANO PILOTO NASCIDAS EM 2000 QUE FREQUENTAM COLÉGIO PARTICULAR: DESCONTRAÇÃO, COLEGUISMO E GRANDE INTERAÇÃO COM BRASÍLIA

ROVÊNIA AMORIM

O ano 2000 chegou a Brasília carregando a marca da explosão populacional. Em apenas quatro décadas, o número de habitantes atingiu a casa dos 2 milhões. Mais motivo de preocupação com os problemas futuros do que para comemorações, o segundo milênio serviu de alerta para o brasileiro. O trânsito era uma delas. O traçado urbanístico que privilegiou a nova capital já não era suficiente para receber a frota de 585 mil carros, e apresentava para o brasileiro a realidade de uma metrópole não planejada pelo urbanista Lucio Costa, com engarrafamentos, motoristas irritados e falta de vagas nas áreas centrais.

A Brasília de 2 milhões de habitantes não era diferente da capital da primeira década e nem da atual, com as abissais diferenças sociais entre os mais pobres e os mais ricos.

O bebê-símbolo dos 2 milhões dessa então nova metrópole brasileira foi calculado estatisticamente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan) para nascer em 28 de janeiro de 2000. No segundo minuto desse dia, no Hospital Regional de Taguatinga, uma menina, filha de uma dona de casa e um policial militar, virou o símbolo dos dois milhões de brasileiros.

Dava-se início, ali, à contagem das crianças da geração 2000. Em setembro desse ano, o Censo Demográfico do IBGE registrava a população oficial residente no Distrito Federal: eram 2.051.146 brasilienses. Pedro José, Sofia, Laura, Luiz Gustavo, Júlia e Lucas, colegas de uma escola particular no Plano Piloto, são crianças nascidas em 2000. Eles completam 9 anos este ano e vivem a realidade dos filhos da classe média que passeiam em shoppings e viajam para a praia, para cidades com neve e para o mundo mágico de Walt Disney, na Flórida. “Não brinco na rua porque não gosto. O que adoro mesmo é aquela montanha-russa com looping no Parque da Cidade”, conta Luiz Gustavo de Santana Santos, morador da 309 Norte.

Uma realidade bem diferente da de crianças carentes de Santa Maria Sul, que chegam à escola pública na QR 403 de bicicleta ou a pé. Marília Thereza, Lucas, Joyce, André Victor, Gabrielly e Hérica também têm ou vão completar 9 anos este ano, mas fazem parte do mundo carente da maioria das crianças brasilienses. Joyce lembra de ter ido uma vez ao shopping para comprar roupas. Marília nunca foi ao cinema. Gabrielly jamais saiu de Santa Maria. “Minha mãe não tem condições de me levar lá no Plano Piloto. Queria ver a Torre de TV, o shopping, o palácio do Lula”, diz a menina, criada pela mãe faxineira e órfã de pai, que morreu, segundo ela, de infarto há seis anos.

Desde o início da construção, Brasília apresenta-se como a síntese das diferenças sociais entre os brasileiros, mas é a cidade que puxa a expansão populacional e econômica no Centro-Oeste. Goiânia, por exemplo, a segunda cidade mais populosa da região, tem atualmente

chegou a 1 milhão, levou pouco mais de duas décadas para dobrar. Mas essa tendência não se manterá no futuro. “Os dois milhões estavam previstos desde 1975, no Programa de Desenvolvimento da Região Geoeconômica de Brasília, por conta da questão migratória”, explica Sérgio Magalhães, diretor de Gestão de Informações da Codeplan. “A questão migratória não é mais o grande fator de crescimento do DF. O crescimento hoje é vegetativo, principalmente nas cidades mais carentes”, diz.

Desde 2002, tem havido saldo negativo na migração com a saída de brasilienses para o estado de Goiás — 41% das pessoas que entraram no Entorno de 2002 a 2007 vieram do Distrito Federal. Não é pouco. Esse percentual corresponde a cerca de 44,7 mil habitantes. É praticamente toda a população da Região Administrativa do Cruzeiro. “E nesse percentual não estão incluídos os migrantes que mudaram para Luziânia, cidade com mais de 170 mil habitantes e que ficou de fora da contagem populacional de 2007 do IBGE”, esclarece Mirna Augusto de Oliveira, chefe do Núcleo de Estudos Populacionais da Codeplan.

Quem sai é o migrante que não consegue sobreviver numa capital com alto custo de vida e busca alternativas mais baratas de moradia, embora a

maioria volte para trabalhar e mantenha aqui seus vínculos, utilizando a rede pública de ensino e de saúde. “Não gosto da palavra Entorno, prefiro classificar essas cidades como área metropolitana de Brasília. Muitas pessoas que foram expulsas para lá, são brasilienses que não conseguem pagar os preços de um Sudoeste”, critica o geógrafo urbano Aldo Paviani.

Oportunidades

O perfil do migrante também mudou. Antes os que vinham para Brasília estavam atrás de moradia e melhores condições de vida. Atualmente, o que atrai são os concursos públicos e a oferta de um bom salário. “Costumo dizer que hoje o migrante, que ainda supera a população dos filhos dos nossos filhos que nasceram em Brasília, chega pelo aeroporto e tem dinheiro”, diz o pesquisador associado da Universidade de Brasília (UnB).

O resultado do saldo negativo entre os migrantes que chegam e os que partem é que, pela primeira vez, o número de brasilienses não vai dobrar em duas décadas — de 2000 a 2020. Hoje somos 2,557 milhões de habitantes. Temos um trânsito de mais de 1 milhão de veículos, que forma até 60 quilômetros de engarrafamentos nos horários de pico. E em 2030 — três décadas após o segundo milhão de habitantes — vamos somar uma população de 3,634 milhões. Uma Brasília com população mais envelhecida. Nossas crianças e adolescentes, de até 14 anos, serão apenas 20%, e nossos idosos — que em 1960 eram 1,2% — quase 15% do total de brasilienses. “Vai ser uma outra Brasília, que não vai poder centralizar tudo no Plano Piloto”, ressalta Paviani.

E MAIS:

A capital, inaugurada em 1960 como o marco da arquitetura modernista no Brasil, chegou a 2 milhões de habitantes no mesmo ano em que a febre amarela assustava: 850 moradores lotaram os postos de vacinação. Em 2000 também foi criada a Lei de Responsabilidade Fiscal, que obriga prefeitos e governadores a gastarem menos e melhor o dinheiro público. No mundo, o golpe de Estado no Equador derrubou o presidente Jamil Mahaud. Cuba e EUA disputaram a guarda do menino Elián, resgatado do naufrágio em que morreram a mãe e o padrasto quando tentavam migrar ilegalmente para a América.

1.244.645 habitantes. Já no ano 2000, o DF abrigava a maior densidade demográfica entre as 27 unidades da Federação — na época 354 habitantes dividindo cada um dos 5.783 quilômetros quadrados do quadrilátero traçado no cerrado do Planalto Central. O que significa isso? Que em quatro décadas, ultrapassamos a população de capitais e cidades fundadas no tempo do Brasil Colônia. São Luís, no Maranhão, de 1612 até 2000, não havia chegado à marca de 1 milhão de habitantes.

Menos migrantes

Brasília completou os 2 milhões de habitantes quando ainda faltavam 81 dias para o aniversário de 40 anos. A população, que em 1978